

Soneto de Lamentação

Há um menino a dormir na areia
um sono mais que profundo:
é o sono de todo o mundo
sem sonho, sem vida, sem veia.



As águas trouxeram o menino
sem mãe, sem pai e sem terra,
despojo e despejo de guerra
lançado ao mar, sem destino.

O choro é tão forte e agudo
que, por desgosto, se espalha
no rosto de todo o mundo.

E um pouco da minha esperança
padece, afogada na praia,
no corpo desta criança.

(José Barbosa Junior – 03-09-2015)

AYSLAN KURDI, o pequenito afogado,

faz-nos chorar e pensar

O PEQUENITO SÍRIO, DE TRÊS A QUATRO ANOS, JAZ AFOGADO NA PRAIA, PÁLIDO E AINDA COM AS SUAS ROUPINHAS DE CRIANÇA. De bruços e com o rosto voltado de lado, como quem quisesse ainda respirar. As ondas tiveram piedade dele, e trouxeram-no até à praia. Os peixes, sempre famintos, pouparam-no, também eles compadecidos da sua inocência. O seu nome é AYSLAN KURDI. A sua mãe e o seu irmãozinho também morreram. O pai não conseguiu segurá-los, escaparam das suas mãos, tragados pelas águas.

Querido Ayslan: fugias dos horrores da guerra na Síria, onde as tropas do presidente Assad, com o apoio dos ricos Emirados árabes, lutam contra soldados do cruel Estado Islâmico, esse que degola quem não se converte à sua religião, apoiado, infelizmente, pelas forças ocidentais da Europa e dos Estados Unidos. Imagino como tremarias, ao ouvir os aviões supersónicos a lançar as suas bombas assassinas. Não dormias, com medo de que a tua casa voasse, em chamas, pelos ares.

Quantas vezes não terás ouvido dizer aos teus pais e vizinhos, quão temíveis eram os aviões não pilotados (drones). Surpreendem as pessoas nas encostas desérticas e matam-nas. Apesar do horror que isso significa, chegam mesmo a bombardear as festas de casamento, celebrações onde reina a alegria, por acharem que, no meio dos convidados, possa estar escondido algum terrorista.

Talvez nem sequer imagines que quem pratica esta barbaridade e está por trás de tudo isto, é um jovem soldado, que vive no Texas, num quartel militar. Está, tranquilamente, sentado na sua sala, diante de um imenso écran, parecido com o de uma televisão. Através de um satélite, observa os campos de batalha da tua terra, a Síria, ou o Iraque. Sempre que suspeita de alguma coisa, com um pequeno toque num botão, dispara uma arma acoplada ao drone. Nada sente, nada escuta, nem chega a ter pena. Lá no outro lado, a milhares de quilómetros, são mortas num instante, trinta ou quarenta pessoas, crianças como tu, pais e mães como os teus, e pessoas que nada têm a ver com a guerra. São, friamente, assassinadas. Lá longe do outro lado, ele sorri, por ter acertado no alvo.

Por causa do terror que lhes chega vindo do céu e da terra, dominados pelo pavor

de serem mortos ou degolados, os teus pais resolveram fugir. Levaram toda a família. Nem pensaram sequer em arranjar trabalho. Não querem, simplesmente, morrer ou ser mortos. Sonham viver num país onde não precisem de ter medo, onde possam dormir sem pesadelos.

E tu, querido Ayslan, podias estar agora a brincar, alegremente, na rua, com os teus amiguinhos, cuja língua não entenderias, mas isso também não é preciso, porque vocês, crianças, têm uma linguagem que todos os meninos e meninas, entendem.

Não conseguiste chegar a um lugar de paz. Mas agora, apesar de toda a tristeza que sentimos, sabemos que tu, assim tão inocente, chegaste, finalmente, a um paraíso onde podes brincar, pular e correr por todos os lados, na companhia de um Deus chamado Jesus, que um dia, também, foi menino e que, para te não deixar sozinho, voltou a ser menino de novo. Ele vai jogar futebol contigo; vais poder agarrar ao colo um gatinho e correr atrás de um cachorrinho; irão dar-se os dois tão bem, como se já fossem amigos há muito tempo; ireis pintar desenhos juntos, ireis rir dos bonecos que fizerdes, e contar histórias bonitas, um ao outro. Ireis sentir-vos muito felizes. E olha que boa surpresa: estará contigo, também, o teu irmãozinho que morreu. E a tua mãe vai poder abraçar-te e beijar-te como tantas vezes fazia.

Tu não morreste, meu querido Ayslan. Foste viver e brincar para outro sítio, muito melhor do que este. O mundo não era digno da tua inocência.



E agora deixa-me pensar com os meus botões. Que mundo é este que assusta e mata crianças? Por que é que a maioria dos países não quer receber os refugiados do terror e da guerra? Não são eles, porventura, nossos irmãos e irmãs, habitantes da mesma Casa Comum, a Terra? Os refugiados não põem quaisquer condições.

Apenas querem viver. Poder ter um pouco de paz, e não ver os filhos a chorar de medo, e a saltar da cama com o estrondo das bombas. São gente que quer ser recebida como gente, sem ameaçar ninguém. Apenas querem que os deixem venerar a Deus daquele seu jeito, e vestir-se como sempre se vestiram.

Não terão sido suficientes dois mil anos de cristianismo, para tornar os europeus, minimamente, humanos, solidários e hospitaleiros? Ayslan, o pequeno sírio morto na praia, é uma metáfora do que é a Europa de hoje: prostrada, sem vida, incapaz de chorar e de acolher vidas ameaçadas. Não terão eles ouvido pregar, tantas vezes, que quem acolhe o forasteiro e o perseguido está, anonimamente, a acolher a Deus?

Querido Ayslan, que a tua imagem estirada na praia suscite em nós aquela pouca humanidade que ainda nos resta, uma réstia de solidariedade, uma lágrima de

compaixão que não conseguimos reter nos nossos olhos cansados de ver tanto sofrimento inútil, especialmente, de crianças como tu. Ajuda-nos, por favor, pois caso contrário, a chama divina que tremula dentro de nós, poderá apagar-se. E se ela se apagar, iremos todos ao fundo, pois sem amor e compaixão, nada mais terá sentido neste mundo.

De LEONARDO BOFF, um avô de um país distante que já acolheu muitos do teu país, a Síria, e que se comoveu com a tua imagem na praia que lhe fez soltar doloridas lágrimas de compaixão.

Leonardo Boff

<https://leonardoboff.wordpress.com/2015/09/06/o-pequenino-afogado-ayslan-kurdi-nos-faz-chorar-e-pensar/>

“Somos refugiados das guerras que vós fazeis”



Refugiados das nossas guerras e dos nossos negócios

“SOMOS REFUGIADOS DAS GUERRAS QUE VÓS FAZEIS”, pode-se ler num cartaz que um migrante africano traz pendurado ao pescoço. Diante das tragédias destes últimos dias, **“crimes que ofendem toda a família humana”**, como os definiu o Papa Francisco durante o *Angelus* de domingo, 30 de agosto, os políticos repetem muitas vezes a importância de ajudar estes povos “em sua casa”. Há quem ataque delirantemente a Igreja e em particular o Papa Francisco, há também quem fale de uma “invasão” em curso (embora os desembarques em Itália, por exemplo, sejam pouco mais que os do ano passado), há quem invoque restrições e a construção de barreiras, e quem, justamente, denuncie os traficantes criminosos.

A reportagem é de **ANDREA TORNIELLI** e foi publicada pelo *Vatican Insider*, em 31-08-2015.

Mas reflete-se muito pouco, sobretudo no Ocidente, sobre as causas profundas destes fenómenos: as relações com um determinado modelo económico, com as decisões estratégico-militares das últimas décadas, com o financiamento a países e grupos terroristas que ontem eram aliados e hoje são inimigos, com a falta de uma política que saiba ver para além do interesse imediato e para além das próximas eleições. Estes são alguns exemplos sobre os quais deveríamos refletir.

O caso da Eritreia

Entre janeiro e maio de 2015, 10.000 eritreus desembarcaram nas costas italianas.

Fogem do país, rico em recursos naturais, devido à falta de trabalho e de futuro. Eden Getachew, assessora e pesquisadora para o Alto Comissariado das Nações Unidas sobre o caso eritreu, disse: “Comecei o serviço militar na Eritreia aos 17 anos. E, enquanto uma mulher não se casar e tiver filhos, fica sempre à disposição do Exército... Apesar das ligações familiares, não retorno ao meu país, porque estaria à sua mercê”.

No papel – prossegue Eden Getachew –, o serviço militar tem uma duração de 18 meses, mas na realidade “continua por tempo indefinido, às vezes sem receber nenhum pagamento ou recebendo um dólar por dia. Os soldados são obrigados a trabalhar em empresas do Estado que têm contratos com empresas estrangeiras. O dinheiro que o regime ganha serve para manter o poder. Durante os primeiros anos da década de 1990, aconteceu o contrário, muitos quiseram entrar no país, pois parecia renascer. A Eritreia é um país rico em recursos, mas as terras são confiscadas pelo Estado. O custo de vida é alto, as famílias recebem rações de comida mediante cupões distribuídos pelas autoridades locais e, se no seu interior houver opositores ao governo, obviamente as famílias são castigadas e deixam de receber a ajuda”. Há governos que limitam as liberdades e as oligarquias corruptas, claro, mas também dever-se-ia perguntar quais são as empresas, as multinacionais a quem convém que essa situação se perpetue.

Os investidores na República Centro-Africana

A ONG britânica *Global Witness*, num relatório intitulado “Madeira ensanguentada”, documentou o pano de fundo do grave conflito que explodiu no país em 2012, uma das crises humanitárias esquecidas. Graças a documentos e testemunhos, tornou-se público que algumas empresas, comprometidas com o negócio da madeira, financiaram várias fações de rebeldes, grupos armados acusados de crimes de guerra, para poder obter contratos e a madeira destes mesmos grupos. São sociedades que pertencem a empresários belgas, franceses, alemães, chineses e libaneses. O relatório da *Global Witness* também critica a União Europeia, que importa dois terços da madeira centro-africana, por não ter feito a vigilância requerida, como exigem as normativas comunitárias.

Efeitos do financiamento: o caso do Gana

A dívida africana voltou a crescer e é possível que muitos governos não consigam manter os próprios compromissos. Durante a década passada, depois do projecto *Highly Indebted Poor Countries* (Hipc), do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, vários países da África Subsaariana obtiveram uma redução que serviu para que retomassem um pouco de fôlego ao terem acesso a novos empréstimos. Em 2007, o Gana foi o primeiro país que se assomou aos mercados internacionais, emitindo obrigações na ordem de 750 milhões de dólares; depois fizeram-no o Senegal, a Nigéria, a Zâmbia e o Ruanda.

Os fundos de investimento, postos à disposição pela alta finança, foram utilizados parcialmente, para apoiar atividades empresariais estrangeiras em África, mas também serviram para financiar as oligarquias locais corruptas. Sem planos de

desenvolvimento nacional, foram construídas catedrais no deserto, infraestruturas sem conexão entre si ou iniciativas empresariais expostas à compra por parte das multinacionais, em particular no âmbito das matérias-primas e das fontes de energia. A especulação desenfreada provocou a desvalorização das moedas locais.

No Gana, país considerado como emblema do ‘boom africano’ pelo crescimento do Produto Interno Bruto, o governo viu-se obrigado a vender os seus setores estratégicos: água, petróleo, eletricidade, telefone, cacau e diamantes. Foi responsabilidade das autoridades locais, claro, mas também das instituições financeiras internacionais, que estão atentas às concessões para a exploração das matérias-primas e à privatização das terras para bloquear o aumento da dívida. Grandes possibilidades para os negócios dos europeus, chineses e norte-americanos, devido à forte depreciação da moeda local. Pouco ou nada foi investido em políticas de bem-estar.

Algo semelhante está a acontecer na Zâmbia, que viu a sua dívida reduzida após a emissão, dois anos antes, de bónus na ordem de 750 milhões de dólares. Também se pode recordar que a União Europeia impôs, desde outubro de 2014, a todos os países envolvidos nos tratados de cooperação, os países em desenvolvimento, os EPA (Economic Partnership Agreement). Trata-se de acordos comerciais que podem ter consequências muito negativas para os países africanos que não são capazes de competir com a economia europeia.

No mercado de Cotonou, em Benim, os tomates produzidos em Villa Literno (Itália) custam menos que os produzidos pelos camponeses africanos, graças aos subsídios europeus para a agricultura. Neste ritmo, dentro de poucos anos, os africanos já não serão donos nem da água nem do pão que produzem. Um empobrecimento que, e não é difícil prevê-lo, provocará novos e mais consistentes fenómenos migratórios.

As nossas guerras e os terroristas que eram os nossos aliados

É um dado que dificilmente pode ser questionado: as decisões estratégico-militares ocidentais no Médio Oriente e no Norte de África, durante o último quarto de século, foram desastrosas. O já precário equilíbrio em regiões cujas fronteiras foram “criadas” no começo do século XX foi destruído com a decisão de acabar com os regimes de alguns ditadores, como Saddam Hussein e Muammar Kadafi. Ditadores sanguinários, mas considerados aliados da Europa e do Ocidente na hora de fazer negócios ou de combater o inimigo do momento. As duas guerras no Iraque, assim como a guerra na Líbia, foram decididas e administradas sem nenhum projeto para o período pós-bélico. O resultado final foi a total desestabilização da zona e a transformação de ambos os países em sementeiras de grupos terroristas fundamentalistas.

Os atuais números da migração não são muito mais elevados do que nos anos anteriores, mas quando Kadafi estava no poder, os refugiados eram presos e às vezes abandonados no deserto. Como esquecer que os talibãs foram financiados para fazer frente aos soviéticos e que até alguns meses antes do surgimento do Estado Islâmico vários grupos de milicianos fundamentalistas que o constituíram e que combatiam

contra o “inimigo” Bashar al Assad na Síria foram impulsionados com armas e dinheiro ocidental? E o que dizer dos contactos e contratos que nos aliam aos árabes que estão envolvidos com o apoio ao fundamentalismo salafita?

Alarme Islão

Diante dos massacres quotidianos (de cristãos, mas também de membros de outras minorias e inclusive de outros muçulmanos), da limpeza étnica, das decapitações, da destruição de obras do património da humanidade, cresce o temor pelo que representa o **Estado Islâmico** e pelos seus objetivos. Paradoxalmente, em diferentes casos, o Ocidente assinala como inimigo, “grande Satanás” de turno, o aliado de ontem ou de anteontem.

Ao mesmo tempo, os países ocidentais fazem muito pouco, ou nada, para ajudar os intelectuais do modernismo islâmico, as universidades e os centros de cultura nos quais se trata de neutralizar as obsessões fundamentalistas, intolerantes e agressivas do salafismo. Não existem apenas os autores intelectuais da jihad, da guerra santa; existem também autores, escritores, pensadores, como os egípcios Sayyed al-Qimani e Khalil Abd al-Karim, que apresentam leituras alternativas à interpretação fundamentalista.

“Alguns destes pensadores e reformadores foram eliminados no silêncio e no desinteresse do Ocidente – explicou ao *Vatican Insider* o missionário comboniano Giulio Albanese, diretor da revista *Popoli e Missione* –, como no caso de Mahmoud Muhamed Taha, condenado à morte pelo presidente sudanês Gaafar Nimeiri em 18 de janeiro de 1985. Ele interpretava o Corão chegando a uma clara separação entre a dimensão religiosa, universalmente válida e imutável, e a dimensão política, relacionada com as situações históricas. Propunha a reconciliação do Islão com a liberdade religiosa, com os direitos humanos e com a igualdade dos sexos. Foi assassinado como apóstata pelo regime de Khartoum, que naquele momento era aliado do Ocidente”.

Um destino semelhante, continua o missionário, teve o pai do reformismo islâmico iraniano, Ali Shariati, que dizia: “Devemos reformar o Islão tornando-o o eixo da libertação das nossas sociedades, ainda presas a uma dimensão social tribal, isto é, à **Idade Média do Oriente**, ao passo que hoje é o instrumento utilizado pelos reacionários para evitar o progresso e o desenvolvimento social”. Foi morto em 1977 pela polícia secreta do xá da Pérsia.

Uma pergunta sobre a migração

Até aqui, damos alguns exemplos. Exemplos parciais, que podem ajudar a compreender a complexidade da realidade de tudo o que está a acontecer e a necessidade de respostas que não se limitem à guerra contra os traficantes de pessoas ou à restrição das normas sobre a migração. “Aos políticos e formadores de opinião que hoje afirmam a necessidade de ‘ajudar os africanos em sua casa’ – observou o Pe. Giulio Albanese – seria preciso recordar que isso, infelizmente, não aconteceu no passado e não está a acontecer no presente. E mais, as políticas de investimento a nível internacional (ocidentais e não somente) têm, atualmente, um sinal contrário.

Trata-se de um paradoxo, quando se considera que estamos a falar do continente com taxas de crescimento superiores às de muitos países do Primeiro Mundo”.

E, em relação às acusações de corrupção e à consciência sobre as causas endémicas da má política dos governos africanos e das suas oligarquias, o Pe. Albanese recorda: “Nós dizemos que os países do Sul do mundo têm governos corruptos. É verdade. Mas a corrupção é um negócio com uma demanda e uma oferta. Há as oligarquias africanas, mas também há as multinacionais que exploram. Seria preciso começar a fazer-se perguntas a esse respeito, assim como sobre a necessidade de reformar o modelo de desenvolvimento imposto pela globalização, como indicou claramente o Papa Francisco, tanto na exortação apostólica *Evangelii gaudium*, como na encíclica *Laudato si’*”.

“Vence a Indiferença e Conquista a Paz”

Foi divulgada no passado dia 11 de agosto a mensagem do Papa Francisco para a **49ª JORNADA MUNDIAL DA PAZ** a ter lugar no dia 1 de Janeiro de 2016. O tema é **“VENCE A INDIFERENÇA E CONQUISTA A PAZ”**.

Num comunicado difundido pelo Conselho Pontifício Justiça e Paz, lê-se que a indiferença perante as pragas do nosso tempo é uma das causas principais da falta de paz no mundo. A indiferença hoje é muitas vezes ligada a diversas formas de individualismo que levam a isolamento, ignorância, egoísmo e, portanto, à falta de empenho. O aumento de informações – prossegue o comunicado – não significa de per si aumento de atenção aos problemas, se não for acompanhado por uma abertura das consciências em sentido solidário. Para isso é indispensável o contributo da família, da escola, de operadores culturais, dos media, mas também dos intelectuais e dos artistas. Só se pode vencer a indiferença, enfrentando juntos este desafio.

A paz deve ser conquistada com esforço, conversão, criatividade, confronto. Trata-se, então, de sensibilizar e formar ao sentido de responsabilidade perante as graves questões que afligem a família humana, tais como os fundamentalismos e os seus massacres, as perseguições devido à fé e à etnia, a violação da liberdade e dos direitos dos povos, a exploração e a escravatura das pessoas, a corrupção e o crime organizado, as guerras e o drama dos refugiados e dos migrantes forçados. Uma obra de sensibilização neste sentido terá também em conta as oportunidades e possibilidades de combater estes males todos, levando à maturação de uma cultura da legalidade e à educação ao diálogo e à cooperação.

Um campo em que a paz pode ser construída dia por dia vencendo a

indiferença – escreve o Conselho Pontifício Justiça e Paz – é o das formas de escravatura presentes no mundo, às quais foi dedicada a Mensagem para o Dia Mundial da Paz 2015: **“Não mais escravos, mas irmãos”**.

A paz é possível lá onde os direitos de cada ser humano são respeitados, na óptica da liberdade e da justiça. A Mensagem do Papa para o *Dia Mundial da Paz 2016* quer ser – conclui o comunicado – um instrumento do qual partir a fim de que todos os homens de boa vontade, de modo particular os que atuam no sector da instrução, da cultura e dos media, o façam, segundo as próprias possibilidades e as suas melhores aspirações, no sentido de construir juntos um mundo mais consciente e misericordioso, e conseqüentemente, mais livre e justo.